

As Descobertas de Petróleo no Brasil Trazem Novos Desafios

A descoberta de grandes reservas de petróleo na costa do Brasil representa a possibilidade de elevar a classificação do país no mercado energético internacional e gerar a entrada de riquezas em seu território. Proteger a economia do país contra o aspecto negativo da riqueza gerada pelo recurso recentemente descoberto está entre as preocupações das autoridades locais.

Enquanto nos Estados Unidos a autorização para perfurações em águas profundas estava sendo negada devido à preocupação com a segurança e o meio ambiente, o Brasil está se movimentando a todo vapor para explorar suas enormes reservas em águas profundas. Na verdade, a Petrobrás, empresa estatal brasileira de petróleo, já se comprometeu a investir US\$224 bilhões até 2014 no seu plano para desenvolver os campos nas águas profundas da costa do país.

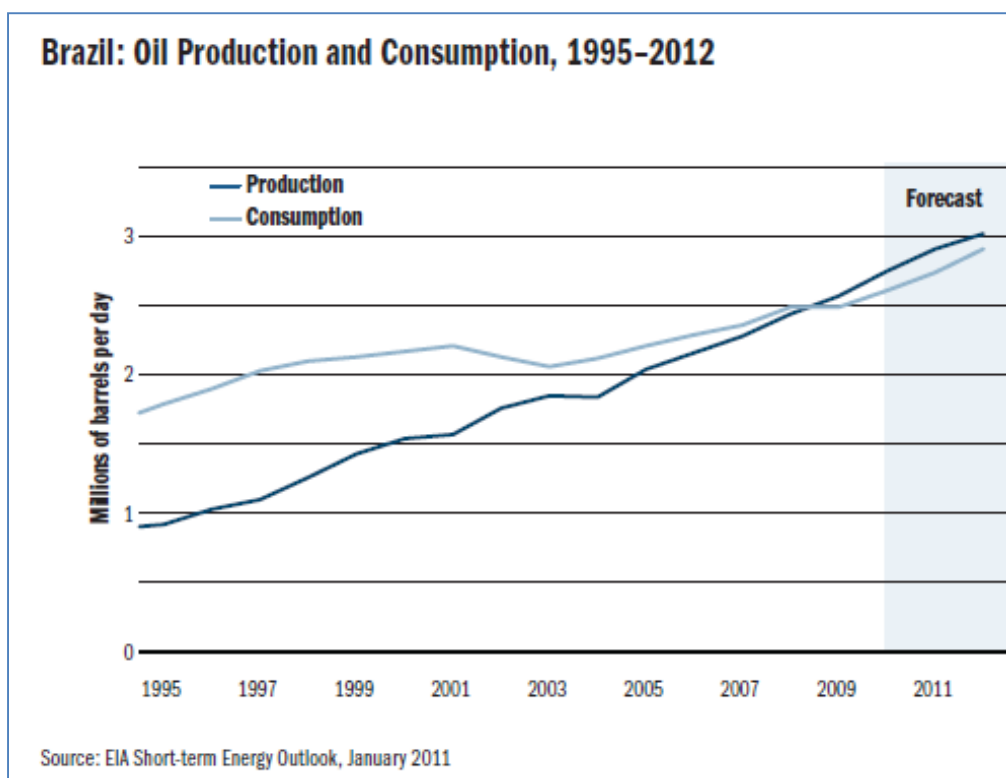


Os brasileiros têm muitos motivos para estar otimistas. A descoberta do campo de Tupi em outubro de 2006 - o maior campo de petróleo encontrado no Hemisfério Ocidental em 30 anos - significou o advento do Brasil como uma potência global de petróleo. Durante a extração inaugural do super campo de Tupi, o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva descreveu as riquezas de petróleo recentemente descobertas pelo país como "a segunda independência do

Brasil". (Em dezembro de 2010, o campo de Tupi teve seu nome alterado para "Lula"). Embora as descobertas de petróleo apresentem uma enorme oportunidade para o Brasil, os desafios logísticos e políticos envolvidos no desenvolvimento dos campos deixam grande parte do futuro sem previsão.

A descoberta do pré-sal: Uma mina de ouro

De acordo com a publicação *Oil & Gas Journal (OGJ)*, o Brasil tem uma reserva comprovada de petróleo para 2011 de 12,9 bilhões de barris, a segunda maior da América do Sul, depois da Venezuela. A Bacia de Santos, uma bacia com as mesmas dimensões da Alemanha na camada pré-sal em alto mar, cerca de 320 quilômetros a sudeste de São Paulo, tem sido o local de vários novos campos de petróleo, dentre eles os campos de Carioca, Iara, Libra e Lula. A localização da Bacia de Santos debaixo de profundas camadas de sal — resíduos de antigos oceanos presos em pedras das profundezas do oceano — a manteve escondida até que recentes avanços tecnológicos levaram à sua descoberta. No entanto, localizar o petróleo é apenas um passo de um processo inevitavelmente longo que apresenta enormes desafios tecnológicos.



A Agência Nacional do Petróleo estima que a área da Bacia de Santos contém reservas de 50 bilhões de barris e, em recente estudo, um antigo geólogo da Petrobrás descobriu que a área poderá ter até 123 bilhões de barris de petróleo. (A título de comparação, as reservas comprovadas da Arábia Saudita são de 267 bilhões de barris). No entanto, somente uma fração dessas estimativas é atualmente considerada "comprovada", pois as limitações tecnológicas e logísticas consideram grande parte desses recursos irrecuperáveis e não lucrativos com base nos preços atuais do petróleo. Independentemente de quanto petróleo encontra-se depositado na costa atlântica do Brasil em última análise, fica claro que o Brasil segue rapidamente seu caminho para

se tornar um dos principais exportadores de petróleo.

A descoberta dos vastos recursos subsal (também conhecidos por pré-sal) transformou rapidamente o foco do setor energético do Brasil. Diferentemente da maior parte do petróleo anteriormente produzido no país, o campo subsal contém um petróleo mais leve e com menor teor de enxofre, mais fácil de ser processado, e alcança preços mais altos nos mercados globais. No entanto, os consideráveis desafios logísticos apresentados pela profundidade inédita (quase 6,5 quilômetros de areia, rochas e sal abaixo do fundo do mar) significam que provavelmente sua produção será tanto difícil, quanto dispendiosa.

Embora o petróleo do pré-sal brasileiro não esteja programado para ser produzido em volumes significativos nos próximos anos, a comunidade energética global já vem observando como a capacidade de exportação esperada do país irá desempenhar um papel importante no mercado energético global. Essa nova capacidade poderia mostrar-se especialmente importante na América Latina, especialmente na medida em que a produção dos dois maiores exportadores líquidos de petróleo do Hemisfério Ocidental, o México e a Venezuela, está prevista para cair.

O aumento da produção de petróleo e o crescimento do consumo relativamente uniforme transformaram a situação do Brasil de importador líquido a exportador líquido de petróleo em 2009, de acordo com a *Energy Information Administration* (EIA) dos EUA (vide tabela). Esse novo status é um contraste um tanto quanto surpreendente quando comparado aos dias da crise do petróleo na década de 70, quando a grande dependência do Brasil das importações de petróleo trouxe consequências econômicas devastadoras. A vibrante indústria brasileira de etanol surgiu na década de 80, depois de uma série de crises do petróleo, como parte de uma estratégia para reduzir a dependência nas importações de petróleo. O aumento da produção de petróleo não deve impedir o crescimento da indústria nacional de etanol derivado da cana-de-açúcar. O etanol normalmente custa menos e é mais consumido internamente, com a demanda estimulada pela expansão da frota brasileira de carros flex. O consumo mais elevado de biocombustíveis internamente significa que mais petróleo mais caro será exportado. De acordo com Ricardo Dornelles, diretor da Secretaria de Petróleo, Gás Natural e Combustíveis Renováveis, a descoberta do [petróleo] pré-sal não irá reduzir a importância que o governo atribui ao desenvolvimento do setor de biocombustíveis.

A descoberta da Bacia de Santos foi especialmente importante da perspectiva energética internacional, pois o setor energético - há muito conhecido por seu otimismo sobre as reservas de petróleo aparentemente ilimitadas - só recentemente começou a expressar um pouco mais de cautela. A Agência de Energia Internacional (IEA), vigilante da energia global, já bastante conhecida por sua convicção sobre a disponibilidade futura de petróleo, deu uma grande virada no outono de 2010 (primavera no hemisfério sul) ao anunciar que o mundo provavelmente já havia passado o pico da produção mundial de petróleo. Assim, a comunidade energética parece estar abraçando a idéia de que grandes descobertas - como a do pré-sal no Brasil - provavelmente não ocorrerão com frequência tão alta quanto aquela experimentada no passado.

Essas grandes descobertas de petróleo - aquelas que modificam as expectativas do ambiente futuro de oferta global - são cada vez mais raras atualmente, uma vez que as perfurações para

pesquisas e a tecnologia sísmica já examinaram minuciosamente a maior parte do planeta em busca do "ouro líquido". Em 2000 a *United States Geological Survey* (USGS) estimou que a capacidade de recursos de petróleo do mundo está entre cinco trilhões e seis trilhões de barris, com apenas 650 bilhões de barris ainda a serem descobertos. No entanto, todas as descobertas de petróleo não são criadas igualmente, visto que a maior parte do petróleo mais acessível e de mais fácil exploração já foi produzida. Assim, acredita-se que os 650 bilhões de barris remanescentes serão mais difíceis e dispendiosos de serem descobertos e desenvolvidos.

Reestruturação da indústria de petróleo do Brasil

De acordo com a EIA, o consumo de energia no Brasil aumentou quase um terço durante a última década, na medida em que a economia expandiu-se enormemente. O governo brasileiro vem há muito tempo declarando sua meta de aumentar a produção interna de energia - para atender a demanda interna e, com esperança, assumir um importante papel de exportador de energia no cenário internacional. Assim, o momento e a escala das recentes descobertas de petróleo no pré-sal conduziram o petróleo para o topo da agenda política.

O governo instituiu várias medidas com o intuito de ter maior controle da indústria de petróleo no Brasil em decorrência das descobertas do pré-sal, na expectativa de usar a nova fonte de riqueza para aumentar e aprofundar a sua base industrial. Em setembro de 2010, a Petrobrás vendeu aproximadamente US\$70 bilhões em novas ações, marcando a maior venda de ações da história. A venda das ações irá financiar a compra no valor de US\$42,5 bilhões de cinco bilhões de barris de petróleo das reservas *offshore* do governo, e os recursos serão usados para financiar a compra, pelo governo brasileiro, de uma parcela maior da Petrobrás, passo que significa o aumento, de 40% para 48%, da participação, do governo brasileiro, no total do capital da Petrobrás.

Recentemente, o Brasil instituiu um novo regime de partilha da produção para as áreas denominadas de "pré-sal" e "estratégicas", enquanto os contratos de concessão anteriores continuam em vigor para outras áreas. De acordo com este novo regime, a Petrobrás será a operadora exclusiva dos campos e terá de deter uma participação mínima de 30% em novos projetos. As empresas que oferecerem fornecer à Petrobrás a maior porcentagem da produção de petróleo vencerão as licitações para participar da exploração. O governo também criou uma nova empresa estatal de petróleo, a Pré-Sal Petróleo S.A. (conhecida como Petrosal), que representará o governo nas parcerias do pré-sal.

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) estima que a exploração do petróleo *offshore* possa gerar bens e serviços no valor de US\$240 bilhões ao longo dos próximos quatro anos. O governo quer que 65% dessas aquisições sejam provenientes de fornecedores nacionais, com o objetivo de desenvolver a indústria de serviços de petróleo local.

Alguns especialistas do setor de petróleo questionam se a indústria de serviços de petróleo do Brasil poderá acompanhar esse aumento repentino da atividade. Por exemplo, a Petrobrás terá de contratar milhares de novos engenheiros em um prazo muito curto, pressionando potencialmente a atual oferta de mão de obra no setor. Os analistas esperam que, mesmo com a rápida expansão da indústria nacional de prestação de serviços aos campos de petróleo, a

Petrobrás poderá ter de depender muito de empresas e mão-de-obra estrangeiras para acompanhar o ritmo dos planos anunciados. A infra-estrutura do Brasil também enfrenta desafios, porque os portos, aeroportos e rodovias do país já estão atingindo seu limite funcional, uma vez que a crescente demanda econômica supera os investimentos internos em infra-estrutura.

Embora a crescente participação do governo na indústria do petróleo tenha o objetivo de ajudar a incentivar o crescimento sustentável, os críticos estão desconfiados de uma maior intervenção do governo nas decisões logísticas de produção e sinalizando que politizar as decisões sobre o desenvolvimento dos campos poderá ter efeitos contrários aos desejados. No entanto, conforme atestado pelo recorde alcançado pela oferta de ações, a comunidade global continua otimista de que a indústria brasileira enfrentará o desafio.

Este artigo foi escrito por Stephen Kay, coordenador do Centro das Américas do Fed de Atlanta e Laurel Graefe, especialista em política do departamento de pesquisa do Fed de Atlanta.

Barra Lateral:

Os Riscos da “Maldição dos Recursos”

O ex-Presidente do Brasil, Lula, referiu-se às descobertas de grandes reservas de petróleo como “superior a todas as oportunidades que já nos foram propiciadas pela história” em 24 de setembro de 2010, durante um evento em que se comemorava a conclusão da oferta recordista de ações da Petrobrás. De fato, os políticos do Brasil têm grandes expectativas de que a descoberta dessas reservas irá reduzir a pobreza e levar a um desenvolvimento econômico sustentável de longo prazo.

No entanto, para alcançar essas metas, o Brasil precisará evitar a assim chamada "maldição dos recursos", termo atribuído pelos economistas a um fenômeno que pode ocorrer nos países ricos em recursos naturais: suas taxas de crescimento são mais baixas que aquelas dos países sem tais recursos. A isso é também dado o nome de "doença holandesa", devido ao impacto que a descoberta de um enorme depósito de gás natural no Mar do Norte teve sobre a economia holandesa na década de 60. A Venezuela e o Equador, os dois maiores exportadores de petróleo da América Latina (em termos de porcentagem do PIB) são os dois principais exemplos de países afetados por esse fenômeno - ambos tiveram uma média mais baixa de crescimento econômico e inflação mais alta que outros países da América Latina durante as três últimas décadas.

Muitos observadores temem que o Brasil possa experimentar a maldição dos recursos porque o retorno sobre o investimento em petróleo é tão grande que desvia os investimentos de outras

atividades econômicas. Uma alta repentina na receita das exportações de petróleo pode levar a um superávit na balança de pagamentos do país, o que resultará em uma moeda nacional mais forte. A taxa de câmbio supervalorizada resultaria em perda de competitividade em outros setores da economia, na medida em que as importações se tornassem mais baratas e as exportações mais caras.

Na verdade, as preocupações sobre "maldição dos recursos" e "doença holandesa" no Brasil já existem há algum tempo e a recente descoberta de petróleo tão somente aumentou a preocupação dos críticos. Uma pesquisa feita recentemente pelo economista Fernando A.S. Postalí, da Universidade de São Paulo, concluiu que os municípios do Brasil que são atualmente contemplados com royalties do petróleo tiveram taxas mais baixas de crescimento econômico do que aqueles não contemplados. Outro estudo realizado por Sérgio Wulff Gobetti, economista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada concluiu que os 100 principais municípios brasileiros contemplados com royalties tiveram níveis de investimento similares àqueles não contemplados, mas gastaram 33% *mais per capita* com a remuneração financeira dos empregados. Gobetti concluiu, então, que devem ser consideradas outras formas de distribuição dos royalties.

Enquanto isso, em dezembro, o presidente da Petrobrás, José Sérgio Gabrielli alertou sobre a doença holandesa ao observar que o desenvolvimento apressado das reservas nas águas profundas do Brasil poderá prejudicar outros setores na medida em que eles lutam para competir por mão-de-obra, recursos e capital, no momento em que a indústria do petróleo já está se expandindo em um ritmo acelerado. “Se você acelera muito isso [as licitações] ... aumenta o risco de doença holandesa,” comentou ele.

O Brasil criou um fundo social destinado a combater essa ameaça. A receita acumulada pelo fundo proveniente das receitas do petróleo da camada do pré-sal destina-se a contribuir para a estabilização econômica e para investimentos em educação, saúde, cultura, ciência e tecnologia, bem como a combater a pobreza e atenuar a mudança climática.